



Um cabo eleitoral nordestino pra valer

O REI DOS CABOS ELEITORAIS

Jeito nordestino atrai o eleitor?

Lampião, Osório, Gonzaga, Severino Caruaru. Estes nomes ele ganhou na rua, onde ficou conhecido pela sua lenga-lenga fazendo propaganda eleitoral. Mas Luiz Gonzaga da Silva, cearense, se intitula o "Rei dos Cabos eleitorais", o de maior destaque em Brasília. Com o chapéu de couro nordestino e um megafone na mão, Gonzaga se tornou uma figura folclórica que mais parece um desses vendedores conhecidos como "o homem da cobra".

De tanto falar, já teve que ir para o hospital com dor de cabeça. Mas logo estava nas ruas outra vez, gritando que só não admite o voto nulo. O discurso não tem muita coerência, e ele chama a atenção muito mais pelo seu jeitão de nordestino. "Você não tem direito de receber dinheiro pelo seu voto. Você tem que eleger um representante que resolva os seus problemas pessoais. Não desista, participe com a gente", vai dizendo pelas ruas com o megafone, ins-

trumento que antes não conhecia.

Luiz Gonzaga ganha Cz\$ 3 mil por mês para fazer propaganda eleitoral de um candidato, que também forneceu o megafone. O resto é com ele. "Você que é povo como eu sou povo. Nós que somos povo que vamos participar". Nas ruas ele é cumprimentado e não há quem não olhe quando começa a falar. Na verdade, é quase gritando. Se a sua propaganda vai render votos para o candidato, ninguém sabe, mas Gonzaga garante que atinge cerca de cinco mil pessoas por dia.

"Eu tô esperando ganhar 15 mil votos com essa simpatia toda", comenta sem modéstia, e acaba fazendo mais propaganda dele mesmo que do candidato que o sustenta. "Eu já apareci no Globo e outro dia o governador me apresentou num comício". Quando se pergunta qual é a sua profissão, diz que é vendedor, mas depois conserta: "Agente de publicidade". Antes

de ser contratado pelo candidato vendia exemplares da atual Constituição nas universidades.

No ponto de ônibus, onde uma multidão disputa um lugar e a confusão é grande por causa da greve dos rodoviários, Gonzaga prefere ficar calado. Tem medo de alguma represália. "Olha, aqui não dá. Os meus colegas também não estão falando mais nos pontos de ônibus com medo do pessoal ficar revoltado", explica.

"Fala ai Osório", grita uma pessoa quando ele passa pelo calçadão em frente do Conic. Ali é o seu local preferido, onde disputa com os outros cabos eleitorais o pouco espaço disponível. Muita gente acha graça quando ele aparece e ri do seu discurso. "A pessoa que vota nulo não tem nada de patriótico. Se você não votar no meu, vote no seu", recomeça. E assim vai ganhando o seu salário, que considera uma miséria. "Tô ganhando mesmo é muita promessa, que não acredito".